



**OS
IMORTALISTAS**

**CHLOE
BENJAMIN**

TRADUÇÃO
SANTIAGO NAZARIAN

 Harper
Collins

RIO DE JANEIRO, 2018

Título original: The Immortalists

Copyright © 2018 Chloe Benjamin

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro – 20091-005

Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3175-1030

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores De Livros, RJ

B416i

Benjamin, Chloe, 1990-

Os imortalistas / Chloe Benjamin ; tradução Santiago Nazarian. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Harper Collins, 2018.

Tradução de: The immortalists

ISBN: 9788595083905

1. Ficção americana. I. Nazarian, Santiago. II. Título.

18-49557

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

SUMÁRIO

Prólogo: A mulher em Hester Street (1969) — Varya

Parte 1: Vá dançar, moleque (1978-1982) — Simon

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Parte 2: Proteus (1982-1991) — Klara

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Parte 3: A inquisição (1991-2006) — Daniel

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Parte 4: Lugar de vida (2006-2010) — Varya

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Agradecimentos

Sobre a autora

Copyrighted image

VARYA TEM TREZE ANOS. Novidade para ela são os oito centímetros a mais de altura e uma área de pelos escuros entre as pernas. Seus seios têm um palmo, seus mamilos são botões rosa. Seu cabelo bate na cintura e tem a cor castanha — não o preto de seu irmão Daniel ou os cachos amarelos de Simon, nem o brilho de bronze de Klara. De manhã, ela o arruma em duas tranças francesas; gosta da forma como elas roçam em sua cintura, como os rabos dos cavalos. Seu narizinho minúsculo não veio de ninguém, é o que ela acha. Aos vinte, ele terá assumido toda sua majestade aquilina; o nariz de sua mãe. Mas ainda não.

Eles perambulam pela vizinhança, todos os quatro: Varya, a mais velha; Daniel, de onze; Klara, nove; e Simon, com sete. Daniel mostra o caminho, passando por Clinton até Delancey, virando à esquerda em Forsyth. Caminham ao redor do parque Sara D. Roosevelt, mantendo-se debaixo das árvores, na sombra. De noite, o parque fica perigoso, mas nesta manhã de terça há apenas grupos de jovens descansando dos protestos do fim de semana passado, com suas bochechas pressionadas contra a grama.

Na Hester, os irmãos ficam em silêncio. Aqui eles precisam passar pela Alfaiataria e Confecção Gold, que é do pai deles e, apesar de ser pouco provável que ele os veja — Saul trabalha totalmente compenetrado, como se o que estivesse costurando não fosse a barra da calça de um homem, mas o tecido do universo — ele ainda é uma ameaça à mágica desse abafado dia de julho e seu objetivo precário e trêmulo que eles precisam encontrar na Hester Street.

Apesar de Simon ser o mais novo, ele é rápido. Usa uma bermuda jeans herdada do irmão, que cabia perfeitamente em Daniel quando ele tinha essa idade, mas que fica frouxa na cinturinha fina de Simon. Em uma das mãos, ele carrega um saco fechado com cordas, feito de um tecido *chinoiserie*. Dentro, notas de dinheiro farfalham e moedas tocam sua música metálica.

— Onde fica esse lugar? — pergunta ele.

— Acho que é aqui mesmo — diz Daniel. Eles levantam o olhar para o antigo prédio, para o zigzague das saídas de incêndio e janelas retangulares escuras do quinto andar, onde dizem que reside a pessoa que eles vieram ver.

— Como entramos? — pergunta Varya.

Parece muito com o prédio deles, só que a cor é creme em vez de marrom, e tem cinco andares em vez de sete.

— Acho que a gente toca o interfone — sugere Daniel. — O interfone do quinto andar.

— É — diz Klara —, mas qual número?

Daniel tira um recibo amarrotado do bolso de trás. Quando levanta o olhar, seu rosto está vermelho.

— Não tenho certeza.

— Daniel! — Varya encosta no muro do prédio e passa a mão no rosto. Faz mais de trinta graus, quente o suficiente para que a testa dela coce de tanto suor e a saia grude nas coxas.

— Espera — pede Daniel. — Deixa eu pensar um pouquinho.

Simon se senta no asfalto; o saco de pano fica frouxo entre suas pernas, como uma água-viva. Klara tira uma bala do bolso. Antes que ela possa tirar o papelzinho, a porta do prédio se abre e um jovem sai. Ele usa óculos roxos e uma camisa com estampa paisley desabotoada.

O rapaz acena para os Gold.

— Querem entrar?

— Sim — diz Daniel. — Queremos — e ele se levanta com pressa, com os outros em seu encalço, entra no prédio e agradece ao homem de óculos roxos antes que a porta se feche; Daniel, o destemido e inexperiente líder que teve essa ideia.



ELE OUVIU DOIS GAROTOS conversando semana passada na fila do restaurante chinês kosher em Shmulke Bernstein, onde ele pretendia pegar uma das tortas quentes de creme de ovos que adora comer, mesmo no calor. A fila estava grande, os ventiladores girando na velocidade máxima, então ele teve de se inclinar para escutar os meninos e o que diziam sobre a mulher que havia se mudado temporariamente para o topo de um prédio na Hester Street.

Enquanto andava de volta para a rua Clinton, número 72, o coração de Daniel se apertou no peito. No quarto, Klara e Simon estavam jogando Escadas e Escorregadores no chão, enquanto Varya lia um livro na sua cama de cima no beliche. Zoya, a gata branca e preta, estava deitada no aquecedor numa área quadrada de sol.

Daniel contou seu plano para eles.

— Não entendo. — Varya apoiou um pé sujo no teto. — O que essa mulher *faz* exatamente?

— Já te disse. — Daniel era hiperativo, impaciente. — Ela tem poderes.

— Tipo o quê? — perguntou Klara, movendo sua peça do jogo. Ela passou a primeira parte do verão aprendendo o truque de cartas com elástico do Houdini, sem muito sucesso.

— O que eu fiquei sabendo — disse Daniel — é que ela lê a sorte. O que vai acontecer com você, se vai ter uma vida boa ou ruim. E tem mais. — Ele apoiou as mãos na moldura da porta e se inclinou. — Ela sabe dizer quando você vai morrer.

Klara levantou o olhar.

— Isso é ridículo — disse Varya. — Ninguém pode saber isso.

— E se pudesse? — perguntou Daniel.

— Aí eu não iria querer saber.

— Por que não?

— Porque não. — Varya abaixou o livro e se sentou, balançando as pernas na lateral do beliche. — E se a notícia for ruim? E se ela disser que você vai morrer antes mesmo de ficar adulto?

— Aí mesmo é que é melhor saber — disse Daniel. — Para que você possa fazer tudo antes.

Houve um minuto de silêncio. Então Simon começou a rir, seu corpo de passarinho balançando. O rosto de Daniel se tingiu de vermelho.

— Estou falando sério — disse ele. — Eu vou. Não aguento mais um dia neste apartamento. Eu me recuso. Então, quem vem comigo?

Talvez nada tivesse acontecido se não fosse o auge do verão, com um mês e meio de um tédio úmido sobre eles e um mês e meio ainda por vir. Não havia ar-condicionado no apartamento, e neste ano — o verão de 1969 — parecia que todo mundo estava fazendo alguma coisa, menos eles. As pessoas estavam ficando doidonas no Woodstock cantando “Pinball Wizard” e assistindo a *Perdidos na noite*, que nenhum dos filhos dos Gold podia ver. Estavam protestando em frente ao Stonewall, batendo nas portas com parquímetros arrancados, quebrando janelas e jukeboxes. Estavam morrendo das formas mais horrendas possíveis, com explosivos químicos e armas que podiam disparar quinhentos e cinquenta balas em sequência, seus rostos transmitidos com um imediatismo horrendo na televisão na cozinha dos Gold. “Estão andando na porra da *Lua*”, disse Daniel, que havia começado a usar esse palavreado, mas só numa distância segura de sua mãe. James Earl Ray foi condenado, assim como Sirhan Sirhan, e enquanto isso os Gold jogavam bugalha ou dardos e tiravam Zoya de um cano aberto atrás do fogão, que ela ficou convencida de ser seu lar por direito.

Porém algo mais criou a atmosfera necessária para essa peregrinação: naquele verão eles seriam irmãos de uma forma que nunca seriam novamente. No próximo ano, Varya iria para as Montanhas Catskill com sua amiga Aviva. Daniel estaria mergulhado nos rituais particulares dos garotos da vizinhança, deixando Klara e Simon por conta própria. Porém, em 1969, eles ainda eram uma unidade, juntos como se não fosse possível ser nada além disso.

— Eu topo — disse Klara.

— Eu também — disse Simon.

— Então, como marcamos hora com ela? — perguntou Varya que, aos treze, sabia que nada era de graça. — Quanto ela cobra?

Daniel franziu a testa.

— Vou descobrir.



ENTÃO FOI ASSIM que começou: como um segredo, um desafio, uma saída de emergência que eles usaram para fugir da presença de sua mãe, que exigia que eles pendurassem a roupa lavada ou tirassem a maldita gata do cano do fogão sempre que os encontrava ociosos no quarto. Os filhos dos Gold perguntaram por aí. O dono de uma loja de mágicas em Chinatown tinha ouvido sobre a mulher na Hester Street. Era uma nômade, ele contou à Klara, viajando pelo país, fazendo seu trabalho. Antes de Klara partir, o dono levantou um dedo, desapareceu numa estante dos fundos e voltou com um livro grande, quadrado, chamado *O Livro da Adivinhação*. Sua capa mostrava doze olhos abertos cercados de símbolos. Klara pagou sessenta e seis centavos pelo livro e voltou para casa agarrada a ele.

Outros moradores da Clinton Street, 72, também sabiam dessa mulher. A Sra. Blumenstein a havia conhecido nos anos cinquenta, numa festa fabulosa, contou ela ao Simon. Ela havia saído com seu schnauzer para a entrada do prédio, onde Simon se sentava, e onde o cachorro prontamente fabricou um cocô do tamanho de uma ração, que a Sra. Blumenstein não catou.

— Ela leu minha mão. Disse que eu teria uma vida bem longa — disse a Sra. Blumenstein, inclinando-se à frente para enfatizar. Simon prendeu a respiração: a Sra. Blumenstein tinha bafo, como se estivesse soltando o mesmo ar de noventa anos que ela havia inspirado quando bebê. — E sabe, meu querido, ela estava certa.

A família hindu do sexto andar chamava a mulher de *rishika*, uma vidente. Varya embalou um pedaço do kugel da Gertie em papel-alumínio e levou para Ruby Singh, sua colega de classe, em troca de um prato de frango apimentado. Elas comiam na saída de incêndio enquanto o sol se punha, suas pernas nuas balançando entre as grades.

Ruby sabia tudo sobre a mulher.

— Dois anos atrás, eu tinha onze anos e minha avó estava doente. O primeiro médico falou que era o coração dela. Ele nos disse que ela morreria em três meses. Mas o segundo médico disse que ela era forte o suficiente para se recuperar. Ele achava que ela podia viver mais dois anos.

Por trás deles, um táxi cantou pneu por Rivington. Ruby virou a cabeça para forçar a vista para o Rio East, que estava marrom esverdeado com lama e esgoto.

— Um hindu morre em casa— disse ela. — Deve estar cercado pela família. Até os parentes do papai na Índia queriam vir, mas o que iríamos dizer a eles? Fiquem por dois anos? Então o papai ouviu sobre a *rishika*. Fomos vê-la, e ela deu a ele uma data: a data que Dadi iria morrer. Colocamos a cama de Dadi no quarto da frente, com seu rosto virado para o leste. Acendemos um lampião e mantivemos vigília: rezando, cantando hinos. Os irmãos do papai vieram de Chandjgarh. Eu me sentei no chão com meus primos. Éramos vinte, talvez mais. Quando Dadi morreu em dezesseis de maio, bem como a *rishika* disse, nós choramos de alívio.

— Não ficaram bravos?

— Por que ficaríamos bravos?

— Porque a mulher não salvou sua avó — disse Varya. — Ela não a fez melhorar.

— A *rishika* nos deu uma chance de dizer adeus. Nunca poderemos recompensá-la por isso. — Ruby comeu seu último pedaço de kugel, então dobrou o alumínio no meio. — Enfim, ela não podia fazer a Dadi melhorar. Ela sabe das coisas, a *rishika*, mas não pode impedi-las. Ela não é Deus.

— Onde ela está agora? — perguntou Varya. — Daniel ficou sabendo que ela está num prédio na Hester Street, mas não em qual.

— Eu sei lá. Ela fica num lugar diferente a cada vez. Por segurança.

Dentro do apartamento dos Singh houve um estrondo agudo e o som de alguém gritando em hindi.

Ruby ficou de pé, limpando as migalhas de sua saia.

— O que você quer dizer com por segurança? — perguntou Varya, também ficando de pé.

— Sempre há gente indo atrás de uma mulher dessas — explicou Ruby. — Não dá pra imaginar as coisas que ela sabe.

— Rubina! — gritou a mãe dela.

— Preciso ir. — Ruby saltou pela janela e a fechou, obrigando Varya a descer pela saída de incêndio até o quarto andar.

Varya ficou surpresa que os boatos sobre a mulher tivessem se espalhado tão rápido, mas nem todo mundo havia ouvido sobre ela. Quando mencionou a vidente aos homens que trabalhavam no balcão da Katz, com seus braços tatuados com números, eles a encararam com medo.

— Molecada — disse um deles — por que vocês querem mexer com uma coisa dessas? — A voz dele era incisiva, como se Varya o tivesse ofendido pessoalmente. Ela saiu com seu sanduíche, envergonhada, e não falou mais no assunto.



NO FINAL, OS MESMOS garotos de quem Daniel ouviu sobre a mulher deram a ele o endereço. Ele os viu naquele final de semana na calçada da Ponte Williamsburg, fumando maconha enquanto se apoiavam no corrimão. Eram mais velhos — talvez tivessem catorze anos —, e Daniel se forçou a confessar que havia ouvido por acaso antes de perguntar se eles sabiam algo mais. Os garotos não pareceram se importar. Logo passaram o número do prédio onde diziam que a mulher estava, apesar de não saberem como marcar hora. Disseram a Daniel que o boato era que você tinha de levar uma oferenda. Alguns diziam que era dinheiro, mas outros diziam que a mulher já tinha todo o dinheiro de que precisava e que você tinha de ser criativo. Um garoto levou um esquilo ensanguentado que encontrou no canto da rua, pegou com pinça e entregou num saco plástico selado. Mas Varya discutiu que ninguém iria

querer isso, nem uma cartomante, então no final eles reuniram suas economias no saco de pano e torceram para que fosse o bastante.

Quando Klara não estava em casa, Varya pegou *O Livro da Adivinhação* debaixo da cama de Klara e subiu na sua. Ficou deitada de barriga para baixo para pronunciar as palavras: *haruspicia* (com o fígado de animais sacrificados) *ceromancia* (por padrões em cera), *rabdomancia* (por varas). Em dias frios, a brisa da janela farfalhava as árvores genealógicas e velhas fotos que ela mantinha presas na parede ao lado da cama. Através desses documentos, ela rastreava o misterioso intermédio de traços subterrâneos: genes apagando-se, manifestando-se e sumindo, as pernas longas de seu avô Lev pulando Saul e chegando a Daniel.

Lev veio para Nova York num barco a vapor com seu pai, um comerciante de roupas, depois que sua mãe foi morta nos massacres de 1905. Na Ilha Ellis, eles fizeram exame médico e foram interrogados em inglês enquanto encaravam o pulso da mulher de ferro que observava, impassível, o mar que eles haviam acabado de cruzar. O pai de Lev consertava máquinas de costura; Lev trabalhava numa fábrica de roupas administrada por um judeu alemão que o deixava folgar o sábado. Ele se tornou gerente assistente, então gerente. Em 1930 ele abriu seu próprio negócio: Alfaiataria e Confecção Gold — num porão na Hester Street.

Varya recebeu o nome da mãe de seu pai, que trabalhou como contadora de Lev até sua aposentadoria. Ela sabe pouco sobre seus avós maternos — só que sua avó se chamava Klara, como sua irmã mais nova, e que chegou da Hungria em 1913. Mas morreu quando a mãe de Varya, Gertie, tinha apenas seis anos, e Gertie raramente fala dela. Uma vez, Klara e Varya se infiltraram no quarto da mãe e procuraram traços de seus avós. Como cachorros, farejaram o mistério que cercava o casal, o sopro de intriga e vergonha, e seguiram até o criado-mudo onde Gertie guardava suas roupas íntimas. Na gaveta de cima, encontraram uma pequena caixa de madeira envernizada e com bordas douradas. Dentro havia uma pilha de fotografias amareladas que mostravam uma mulher baixinha e endiabrada com cabelo preto curto e olhos pesados. Na primeira foto, ela vestia um collant com saia, quebrando a cintura para o lado, segurando uma bengala sobre a cabeça. Em outra, montava um cavalo, inclinada para trás com a barriga de fora. Na foto que Varya e

Klara mais gostaram, a mulher estava suspensa no ar, pendurada numa corda que segurava com os dentes.

Duas coisas diziam que essa mulher era avó deles. A primeira era uma velha foto amassada, engordurada com digitais, na qual a mesma mulher estava de pé com um homem alto e uma criança pequena. Varya e Klara sabiam que a criança era a mãe delas, mesmo naquele tamanho reduzido: ela segurava a mão de seus pais com seus pequenos punhos gorduchos, e seu rosto estava apertado numa expressão de consternação que Gertie ainda mostrava com frequência.

Klara se apossou da caixa e de seu conteúdo.

— Ela pertence a mim — disse. — Eu tenho o nome dela. A mãe nunca olha para isso mesmo.

Mas logo elas descobriram que isso não era verdade. Na manhã seguinte em que Klara levou secretamente a caixa envernizada para seu quarto e a colocou debaixo da cama do beliche, um grasnado veio do quarto de seus pais, seguido pelas interrogações inflamadas de Gertie e as negativas abafadas de Saul. Momentos depois, Gertie irrompeu pela porta delas.

— Quem pegou? — gritou ela. — Quem?

Suas narinas se dilataram e seu quadril largo bloqueou a luz que geralmente vinha do corredor. Klara estava quente de tanto medo, quase chorando. Quando Saul saiu para o trabalho e Gertie foi para a cozinha, Klara entrou de mansinho no quarto dos pais e colocou a caixa exatamente onde a encontrou. Mas quando o apartamento ficava vazio, Varya sabia que Klara voltava às fotos e à mulherzinha minúscula nelas. Ela encarava a intensidade dessa mulher, seu glamour, e jurava que faria jus a ela.



— NÃO OLHEM AO redor assim — reclama Daniel. — Ajam como se vocês morassem aqui. — Os Gold correm escada acima. As paredes estão

cobertas de tinta bege descascada, e os corredores são escuros. Quando chegam ao quinto andar, Daniel para.

— O que sugere que a gente faça agora? — cochicha Varya. Ela gosta quando Daniel fica desconcertado.

— Esperamos — diz Daniel. — Até alguém sair.

Mas Varya não quer esperar. Ela está irrequieta, tomada de um medo inesperado, e começa a seguir pelo corredor sozinha. Achava que a mágica seria detectável, mas as portas deste andar parecem exatamente iguais, com suas maçanetas gastas de metal e seus números. O *quatro* no número *cinquenta e quatro* tinha caído de lado. Quando Varya caminha em direção à porta, escuta o som de uma televisão ou um rádio: um jogo de beisebol. Supondo que uma *rishika* não iria ligar para beisebol, ela se afasta novamente.

Seus irmãos se espalharam. Daniel está perto da escada com as mãos nos bolsos, observando as portas. Simon se junta a Varya no número cinquenta e quatro, fica na ponta dos pés e empurra o *quatro* de volta no lugar com seu dedo indicador. Klara estava vagando na direção oposta, mas agora vem ficar com eles. Ela vem com cheiro de Breck Gold Formula, um produto que Klara comprou depois de juntar semanas de mesada; o resto da família usa Prell, que vem num tubinho plástico como pasta de dente e sai como uma geleia da cor de algas marinhas. Apesar de Varya tirar sarro de Klara abertamente — *ela* nunca gastaria tanto em xampu —, tem inveja dela, que tem cheiro de alecrim e laranja e que agora ergue a mão para bater na porta.

— O que está fazendo? — cochicha Daniel. — Pode ser de qualquer um. Pode ser...

— Sim? — A voz que vem de trás da porta é grave e rouca.

— Estamos aqui para ver a mulher — experimenta Klara.

Silêncio. Varya segura o fôlego. Há um olho mágico na porta, menor do que uma borracha de lápis. Do outro lado, alguém pigarreia.

— Um de cada vez — diz a voz.

Varya cruza olhares com Daniel. Eles não se prepararam para se separar. Mas antes que possam negociar, uma fechadura é virada e Klara entra... O que ela tem na cabeça?



NINGUÉM SABE AO CERTO há quanto tempo Klara está lá dentro. Para Varya, parecem horas. Ela se senta contra a parede com seus joelhos no peito. Está pensando em contos de fada: bruxas que levam crianças, que as comem. Uma árvore de pânico desabrocha em seu estômago e cresce até a porta se abrir.

Varya se levanta, apressada, mas Daniel é mais rápido. É impossível ver dentro do apartamento, apesar de Varya conseguir ouvir música — uma banda de *mariachi*? — e o barulho de panelas no fogo.

Antes de Daniel entrar, ele olha para Varya e Simon.

— Não se preocupem — diz ele. Mas eles se preocupam.

— Onde está Klara? — pergunta Simon, quando Daniel parte. — Por que ela não voltou?

— Ela ainda está lá dentro — diz Varya, apesar de a mesma pergunta ter ocorrido a ela. — Eles estarão lá quando entrarmos, Klara e Daniel. Eles provavelmente só estão... esperando por nós.

— Isso foi má ideia — diz Simon. Seus cachos dourados estão grudados de suor. Por Varya ser a mais velha e Simon o mais novo, ela sente que deveria ser maternal com ele, mas Simon é um enigma para ela; apenas Klara parece compreendê-lo. Ele fala menos do que os outros. No jantar, ele se senta com a testa franzida e os olhos vidrados. Mas tem velocidade e agilidade de um coelho. Às vezes, enquanto caminha ao lado dele para a sinagoga, Varya se vê sozinha. Ela sabe que Simon apenas correu à frente ou ficou para trás, mas toda vez parece que ele desapareceu.

Quando a porta se abre novamente, aquela mesma fração de centímetro, Varya coloca uma mão no ombro dele.

— Tudo bem, Sy. Vai na frente e eu fico de olho, tá?

Por quem ou o quê, ela não tem certeza — o corredor está tão vazio quanto estava quando eles chegaram. Na verdade, Varya é tímida: apesar de ser a mais velha, ela prefere deixar os outros irem primeiro. Mas Simon parece convencido. Ele tira um cacho de seus olhos antes de deixá-la.



SOZINHA, O PÂNICO de Varya aumenta. Ela se sente separada de seus irmãos, como se estivesse numa praia, vendo o navio deles partir. Deveria tê-los impedido de vir. Quando a porta se abre novamente, o suor se juntava sobre seu lábio superior e na bainha de sua saia. Mas é tarde demais para fugir pelo caminho que veio, e os outros estão esperando. Varya empurra a porta aberta.

Ela se vê numa minúscula copa cheia de tantos pertences que, inicialmente, não vê ninguém. Livros estão empilhados no chão como modelos de arranha-céus. As prateleiras da cozinha foram tomadas de jornais em vez de comida, e alimentos industrializados estão jogados pelo balcão: biscoitos, cereal, sopa em lata, uma dúzia de variedades de chá. Há cartas de tarô e de baralho, mapas astrológicos e calendários — Varya reconhece um em chinês, outro com números romanos e um terceiro que mostra as fases da lua. Há um pôster amarelado do I Ching, cujos hexagramas ela reconhece do *Livro da Adivinhação* de Klara; um vaso cheio de areia; gongos e tigelas de cobre; uma coroa de louros; uma pilha de gravetos de madeira, entalhados com linhas horizontais; e uma tigela de pedras, algumas das quais foram presas com longos pedaços de corda.

Apenas um cantinho ao lado da porta foi limpo. Lá, uma mesa dobrável está entre duas cadeiras dobráveis. Ao lado dela, uma mesa menor foi montada com rosas de pano vermelho e uma Bíblia aberta. Dois elefantes brancos de gesso estão posicionados ao redor da Bíblia, junto a velas de reza, uma cruz de madeira e três estátuas: uma de Buda, uma da Virgem Maria e uma de Nefertiti, que Varya reconhece por causa de uma pequena placa escrita à mão que diz *NEFERTITI*.

Varya sente uma pontada de culpa. Na escola hebraica, ela ouviu pregarem contra os ídolos, escutando solenemente enquanto o Rabino Chaim lia sobre o tratado de Avodá Zará. Seus pais não gostariam que ela estivesse ali. Mas Deus não fez a cartomante, assim como havia feito os pais de Varya? Na sinagoga, Varya tenta rezar, mas Deus nunca parece responder. A *rishika* pelo menos vai conversar.

A mulher está na pia, despejando chá numa delicada bola de metal. Usa um vestido largo de algodão, um par de sandálias de couro e uma bandana azul-marinho; seu longo cabelo castanho pendura-se em duas tranças finas. Apesar de ela ser grande, seus movimentos são elegantes e precisos.

— Onde estão meus irmãos? — A voz de Varya é gutural, e ela está envergonhada pelo desespero que acabou de revelar.

As persianas estão abertas. A mulher tira uma caneca da prateleira de cima e coloca a bola de metal dentro dela.

— Quero saber — diz Varya mais alto — onde estão meus irmãos.

Uma chaleira apita sobre o fogão. A mulher desliga o fogo e levanta a chaleira sobre a caneca. A água escorre num fio grosso e claro, e o cômodo é tomado pelo cheiro de grama.

— Lá fora — diz a mulher.

— Não, não estão. Esperei no corredor e eles nunca saíram.

A mulher caminha na direção de Varya. Suas bochechas são pastosas, seu nariz, bulboso, e seus lábios, franzidos. A pele é de um marrom dourado, como a de Ruby Singh.

— Não posso fazer nada se você não confia em mim — diz ela. — Tire os sapatos. Daí você pode se sentar.

Varya tira seus sapatênis e os coloca ao lado da porta, aflita. Talvez a mulher esteja certa. Se Varya se recusa a confiar nela, essa visita vai ser inútil, junto com tudo o que eles arriscaram: o olhar atravessado do pai, o desprazer da mãe, quatro mesadas reunidas. Ela senta-se à mesa dobrável. A mulher coloca a caneca de chá diante dela. Varya pensa em essências e venenos, em Rip Van Winkle e seu sono de vinte anos. Então pensa em Ruby. *Ela sabe das coisas, a rishika, disse Ruby. Nunca poderemos recompensá-la por isso.* Varya levanta a caneca e dá um gole.

A *rishika* senta na cadeira dobrável à sua frente. Ela encara os ombros rígidos de Varya, as mãos úmidas, o rosto da menina.

— Você não tem se sentido muito bem, tem, querida?

Varya engole o chá, surpresa. Ela balança a cabeça.

— Tem esperado se sentir melhor? — Varya está parada, apesar de sua pulsação acelerar.

— Você se preocupa — diz a mulher, assentindo. — Você tem problemas. Você sorri por fora, até gargalha, mas, em seu coração, você não está feliz; você está sozinha. Estou certa?

A boca de Varya treme concordando. Seu coração está tão cheio que ela sente que pode rachar.

— É uma pena — diz a mulher. — Temos trabalho a fazer. — Ela estala os dedos e aponta para a mão esquerda de Varya. — Sua mão.

Varya se aproxima da beirada do assento e oferece sua mão para a *rishika*, cujas próprias mãos são ágeis e frias. A respiração de Varya é superficial. Ela não pode se lembrar da última vez que tocou uma estranha; ela prefere manter uma membrana, como uma capa de chuva, entre si mesma e outras pessoas. Quando volta da escola, onde as mesas estão oleosas com impressões digitais, e o playground, contaminado pelas crianças pequenas, ela lava a mão até estar quase em carne viva.

— Você consegue mesmo? — pergunta ela. — Saber quando vou morrer?

Ela está assustada pelos caprichos da sorte: as pílulas de cores sólidas que podem expandir sua mente ou virá-la de cabeça para baixo; os homens aleatoriamente escolhidos e mandados para a baía de Cam Ranh e a montanha Dong Ap Bia, onde mil homens foram encontrados mortos entre bambuzais e capim de quatro metros de altura. Ela tinha um colega de classe, Eugene Bogopolski, cujos três irmãos foram enviados para o Vietnã quando Varya e Eugene tinham apenas nove anos. Os três voltaram, e os Bogopolski deram uma festa no apartamento deles na Broome Street. No ano seguinte, Eugene mergulhou numa piscina, bateu a cabeça no concreto e morreu. A data da morte de Varya seria uma coisa — talvez a coisa mais importante — que ela poderia saber com certeza.

A mulher olha para Varya. Seus olhos são contas brilhantes, negras.

— Posso te ajudar — diz ela. — Posso te fazer bem. — Ela vira a palma da mão de Varya, olhando primeiro sua forma geral, depois para os dedos quadrados, sem pontas. Gentilmente, ela puxa o polegar de Varya para trás; não dobra muito até resistir. Examina o espaço entre o quarto e o quinto dedo de Varya. Aperta a ponta do dedo mindinho.

— O que está procurando? — pergunta Varya.

— Seu caráter. Já ouviu falar de Heráclito? — Varya balança a cabeça. — Um filósofo grego. *Caráter é destino*, é o que ele dizia. Estão amarrados, os dois, como irmãos e irmãs. Quer saber o futuro? — Ela aponta para Varya com a mão livre. — Olhe no espelho.

— E se eu mudar? — Parece impossível que o futuro de Varya já esteja dentro dela como uma atriz fora do palco, esperando décadas para sair da coxia.

— Então você seria especial. Porque a maioria das pessoas não muda. — A *rishika* vira a mão de Varya e coloca na mesa. — 21 de janeiro de 2044. — Sua voz é objetiva, como se ela estivesse dando a temperatura ou o vencedor de um jogo. — Você tem muito tempo.

Por um momento, o coração de Varya se solta e levanta. Em dois mil e quarenta e quatro ela teria oitenta e oito anos, uma idade bem decente para morrer. Então faz uma pausa.

— Como sabe?

— O que eu disse sobre confiar em mim? — A *rishika* levanta uma sobrancelha peluda e franze a testa. — Agora, quero que você vá para casa e pense no que eu disse. Se você fizer isso, vai se sentir melhor. Mas não conte a ninguém, certo? O que mostra a sua mão, o que eu te disse, isso é entre mim e você.

A mulher encara Varya. Varya a encara de volta. Agora que ela é a avaliadora e não a pessoa sendo avaliada, algo curioso acontece. Os olhos da mulher perdem seu brilho, e seus movimentos, a elegância. É boa demais a sorte que Varya recebeu, e sua boa sorte se torna prova da fraude da profeta: provavelmente dá a mesma previsão a todos. Varya pensa no Mágico de Oz. Como ele, essa mulher não é feiticeira nem profeta. É uma trapaceira, uma charlatã. Varya fica de pé.

— Meu irmão deve ter te pagado — diz ela, colocando os sapatos de volta.

A mulher fica de pé também. Caminha em direção ao que Varya achava que era uma porta para um armário — um sutiã se pendura da maçaneta, suas taças em rede longas como as redes que Varya usa para pegar borboletas monarcas no verão —, mas não: é uma saída. A mulher abre a porta, e Varya vê uma faixa de tijolos vermelhos, um pedaço da

saída de emergência. Quando escuta a voz de seus irmãos, vindo de baixo, seu coração se infla.

Mas a *rishika* fica diante dela como uma barreira. Ela belisca o braço de Varya.

— Tudo vai dar certo para você, querida. — Há algo ameaçador em seu tom de voz, como se fosse urgente que Varya escutasse isso, urgente que acreditasse. — Tudo vai dar certo.

Entre os dedos da mulher, a pele de Varya fica branca.

— Me solte — diz ela. Está surpresa pelo frio em sua voz. No rosto da mulher, uma cortina se fecha. Ela solta Varya e dá um passo para o lado.



VARYA DESCE COM ESTRONDO a saída de emergência em seus sapatênis. Uma brisa atinge seus braços e levanta os finos pelos castanho-claros que começaram a aparecer em suas pernas. Quando ela chega ao beco, vê que as bochechas de Klara estão marcadas com água salgada, seu nariz bem rosado.

— O que houve?

Klara se vira.

— O que você acha?

— Ah, mas você não pode acreditar... — Varya pede ajuda a Daniel, mas ele está sério. — O que quer que ela tenha dito para você, não significa nada. Ela inventou. Certo, Daniel?

— Certo. — Daniel se vira e começa a caminhar em direção à rua. — Vamos nessa.

Klara puxa Simon por um braço. Ele ainda segura o saco de pano, que está tão cheio quanto antes.

— Vocês deveriam pagá-la — diz Varya.

— Eu esqueci — diz Simon.

— Ela não merece nosso dinheiro. — Daniel fica na calçada com as mãos na cintura. — Vamos!

Estão em silêncio na volta para casa. Varya nunca se sentiu mais distante dos outros. No jantar, ela belisca a carne em seu prato, mas Simon não come nada.

— O que foi, docinho? — pergunta Gertie.

— Não estou com fome.

— Por que não?

Simon dá de ombros. Seus cachos loiros estão brancos debaixo da luz.

— Coma a comida que sua mãe preparou — diz Saul.

Mas Simon se recusa. Ele se senta em suas mãos.

— O que foi, hum? — cacareja Gertie com uma sobrancelha levantada. — Não é boa o suficiente para você?

— Deixa ele em paz. — Klara se estica para bagunçar o cabelo de Simon, mas ele se afasta e empurra a cadeira para trás com um rangido.

— Eu odeio vocês! — grita ele, ficando de pé. — Eu odeio! Todos vocês!

— Simon — diz Saul, também ficando de pé. Ele está com o terno que usou no trabalho. Seu cabelo é mais ralo e mais claro do que o de Gertie, um loiro acobreado incomum. — Não fale assim com sua família.

Ele é desajeitado nesse papel. Gertie sempre foi a disciplinadora. Agora está boquiaberta.

— Mas eu odeio — diz Simon. Há espanto em seu rosto.

Copyrighted image

1

QUANDO SAUL MORRE, Simon está na aula de física, desenhando círculos concêntricos representando os anéis de uma camada de elétrons, mas que para Simon não representam coisa alguma. Com seus devaneios e sua dislexia, ele nunca foi um bom aluno, e o propósito da camada eletrônica — a órbita de elétrons ao redor do núcleo de um átomo — passa batido para ele. Nesse momento, seu pai cai numa faixa de pedestres da Broome Street enquanto volta do almoço. Um táxi buzina ao parar; Saul cai de joelhos; o sangue escapa de seu coração. Sua morte não faz mais sentido para Simon do que a transferência de elétrons de um átomo para outro: ambos estão lá por um momento e se foram no seguinte.

Varya dirige da faculdade em Vassar, Daniel do campus da Universidade Estadual de Nova York em Binghamton. Nenhum deles entende. Sim, Saul era estressado, mas os piores momentos da cidade — a crise fiscal, o apagão — finalmente ficaram para trás. Os sindicatos salvaram a cidade da falência, e Nova York está esperançosa. No hospital, Varya pergunta sobre os últimos momentos de seu pai. Ele sentiu alguma dor? Só brevemente, diz a enfermeira. Ele falou? Ninguém pode dizer que sim. Isso não deveria ser surpresa para sua esposa e seus filhos, que estão acostumados com seus longos silêncios — e ainda assim Simon se sente passado para trás, tendo roubada a lembrança final de seu pai, que permanece com lábios tão fechados na morte quanto em vida.

Como o dia seguinte à morte cai no *Shabat*, o velório acontece no domingo. Eles se encontram na Congregação Tifereth Israel, a sinagoga conservadora da qual Saul era membro e patrono. Na entrada, o Rabino Chaim dá a cada Gold uma tesoura para a *keriá*.

— Não, não vou fazer isso — diz Gertie, que tem de ser conduzida por cada passo do velório como se estivesse migrando para um país que ela nunca nem quis visitar. Ela usa uma mortalha que Saul fez para ela em 1962: algodão preto grosso, com uma cintura ajustada, botões fechados na frente e cinto removível. — Não podem me obrigar — acrescenta ela, seus olhos correndo entre o Rabino Chaim e seus filhos, que cortaram obedientemente suas roupas acima do coração, e apesar do Rabino Chaim explicar que não é *ele* quem manda, mas Deus, parece que Deus também não pode mandar nela. No final, o rabino dá a Gertie uma fita preta para cortar e ela toma seu assento com resignação.

Simon nunca gostou de vir aqui. Quando criança, ele achava que a sinagoga era assombrada, com seu interior rústico e úmido de pedra preta. Piores eram as missas: a interminável devoção silenciosa, os apelos fervorosos pela restauração de Israel. Agora Simon para diante do caixão fechado, com ar circulando através da fenda em sua camisa, e percebe que nunca mais vai ver o rosto de seu pai. Ele relembra os olhos distantes e o sorriso recatado, quase feminino, de Saul. O Rabino Chaim chama Saul de magnânimo, uma pessoa de caráter e força, mas para Simon ele era um homem contido e tímido que evitava conflitos e problemas — um homem que parecia fazer tão pouca coisa com paixão que foi um espanto ele ter se casado com Gertie, porque ninguém teria visto a mãe de Simon, com sua ambição e oscilação de temperamento, como uma escolha pragmática.

Após a cerimônia, eles seguem os coveiros para o Cemitério Mount Hebron, onde os pais de Saul foram enterrados. Ambas as meninas estão chorando — Varya em silêncio, Klara tão alto quanto sua mãe —, e Daniel parece estar se segurando por nada mais do que uma obrigação anestesiada.

Mas Simon se vê incapaz de chorar, mesmo quando o caixão é abaixado para a terra. Ele sente apenas perda, não do pai que ele conhecia, mas da pessoa que Saul pode ter sido. No jantar, eles se sentavam em cantos opostos da mesa, perdidos em pensamentos particulares. O choque veio quando um deles levantou o olhar, e seus olhos se encontraram, um acidente, mas um acidente que uniu como

uma dobradiça seus mundos separados, antes que um deles afastasse o olhar novamente.

Agora não há dobradiça. Distante como era, Saul havia permitido que cada Gold assumisse seus papéis individuais: ele como o ganha-pão; Gertie, a general; Varya, a mais velha e obediente; Simon, o caçula despreocupado. Se o corpo de seu pai — com seu colesterol mais baixo do que o de Gertie, seu coração nada além de estável — havia simplesmente *parado*, o que mais poderia dar errado? Que outras leis podiam ser desviadas? Varya se esconde em seu beliche. Daniel tem vinte anos, mal se formou homem, mas recebe os convidados e serve comida, conduz rezas em hebraico. Klara, cuja parte do quarto é mais bagunçada do que a de qualquer um, limpa a cozinha até seus bíceps doerem. E Simon cuida de Gertie.

Esse não é o arranjo costumeiro, pois Gertie sempre mimou Simon mais do que os outros. Outrora ela quis ser uma intelectual; deitava-se ao lado da fonte no Parque Washington Square lendo Kafka, Nietzsche e Proust. Mas aos dezenove anos conheceu Saul, que havia entrado na empresa do pai depois do colégio, e ficou grávida aos vinte. Logo Gertie saiu da Universidade de Nova York, onde tinha uma bolsa, e se mudou para um apartamento a poucos quarteirões da Alfaiataria e Confecção Gold, que Saul herdaria quando seus pais se aposentassem em Kew Gardens Hills.

Logo após Klara nascer — muito antes do que Saul achou necessário, e para seu embaraço —, Gertie se tornou recepcionista numa firma de advocacia. De noite ela ainda era a formidável capitã. Mas de manhã ela colocava o vestido e aplicava ruge de uma caixinha redonda antes de deixar as crianças na Sra. Almendinger, saindo depois do prédio com o máximo de leveza de que era capaz.

Porém, quando Simon nasceu, Gertie ficou em casa por nove meses em vez de cinco, que se tornaram dezoito. Ela o carregava para todo canto. Quando ele chorava, ela não respondia com uma frustração teimosa, mas o aninhava e cantava para ele, como se nostálgica por uma experiência que sempre ressentiu, porque ela sabia que não iria repetir. Logo após o nascimento de Simon, enquanto Saul estava no trabalho, ela foi para o escritório do médico e voltou com um pequeno frasco de

pílulas — *Enovid*, dizia — que ela mantinha nos fundos da gaveta de lingerie.

— *Si-mon!* — Ela chama agora, numa longa explosão, como uma buzina. — Passe-me isso — diria ela, deitada na cama apontando para um travesseiro logo além dos pés. Ou num tom grave e agourento: — Tenho um machucado; estou há tempo demais nessa cama. — E apesar de Simon internamente se contorcer, examina o calcanhar grosso dela:

— Não é um *machucado*, mãe — responde ele. — É uma bolha.

Mas ela já seguiu em frente, pedindo para ele trazer o *Kadish*, ou peixe e chocolate da bandeja de shivá entregue pelo Rabino Chaim.

Simon poderia pensar que Gertie tem prazer em mandar nele, se não fosse pela forma como ela chora à noite, de maneira abafada, para que seus filhos não escutem, apesar de Simon escutar; ou as vezes em que ele a vê em posição fetal na cama que ela dividiu com Saul por duas décadas, parecendo a adolescente que era quando o conheceu. Ela cumpre o shivá com uma devoção que Simon não sabia que ela podia expressar, pois Gertie sempre acreditou mais em superstição do que em qualquer Deus. Ela cospe três vezes enquanto acontece um velório, joga sal se o saleiro cai, e nunca passou por um cemitério enquanto estava grávida, o que exigiu que a família refizesse rotas constantemente entre 1956 e 1962. A cada sexta-feira, ela guarda o *Shabat* com uma paciência esforçada, como se o *Shabat* fosse um hóspede de quem ela não visse a hora de se livrar.

Mas esta semana ela não usa maquiagem. Evita joias e sapatos de couro. Como se em penitência por sua fracassada *keriá*, ela usa sua mortalha negra dia e noite, ignorando as migalhas de comida em uma das coxas. Como os Gold não têm banquinhos de madeira, ela se senta no chão para recitar o *Kadish* e até tenta ler o livro de Jó, forçando a vista enquanto leva o *Tanakh* até o rosto. Quando ela o larga, parece estar com o olhar louco e perdido, como uma criança em busca de seus próprios pais, então vem o chamado, “*Si-mon*”, por algo tangível: frutas frescas ou bolo inglês, uma janela aberta para ventilar ou fechada contra uma corrente de ar, um cobertor, um pano de prato, uma vela.

Quando convidados suficientes se reúnem para um *minian*, Simon a ajuda a vestir um novo vestido e chinelos, e ela emerge para rezar. São acompanhados dos empregados de muito tempo de Saul: os contadores;

as costureiras; os estampeiros; os vendedores; e o sócio minoritário de Saul, Arthur Milavetz, um homem aquilino e esganiçado de trinta e dois anos.

Quando criança, Simon adorava visitar a loja de seu pai. Os contadores davam a ele cliques de papel para brincar ou retalhos de tecido, e Simon tinha orgulho de ser filho de Saul — pela reverência com a qual a equipe o tratava e por seu longo escritório com janelas, era claro que ele era alguém importante. Ele balançava Simon num joelho enquanto demonstrava como cortar padrões e costurar amostras. Mais tarde, Simon o acompanhava para lojas de tecido, nas quais Saul escolhia as sedas e *tweeds* que estariam na moda na próxima estação, e para a Saks da Quinta Avenida, cujos últimos estilos ele comprava para fazer imitações na loja. Depois do trabalho, Simon tinha permissão de ficar enquanto os homens jogavam cartas ou se sentavam no escritório de Saul com uma caixa de charutos, debatendo a greve dos professores e dos serviços de saneamento, a Guerra do Canal de Suez e do Yom Kippur.

O tempo todo, algo maior pairava, mais perto, até que Simon era forçado a ver em toda sua terrível majestade: seu futuro. Daniel sempre planejou ser médico, o que deixava Simon, o outro filho, impaciente e desconfortável consigo mesmo, ainda mais usando um terno de peito duplo. Quando chegou à adolescência, as roupas femininas o entediavam e a tecelagem lhe dava coceira. Ele ressentia a fragilidade da atenção de Saul, que Simon achava que não iria perdurar depois que ele saísse do negócio, se é que tal coisa era possível. Ele se irritava com Arthur, que estava sempre ao lado de seu pai e tratava Simon como um cachorrinho prestativo. Acima de tudo, ele sentia algo mais confuso: que a loja era o verdadeiro lar de Saul, e que seus empregados o conheciam melhor do que seus filhos.

Hoje, Arthur traz três pratos da deli e uma travessa de peixe defumado. Ele torce seu longo pescoço de cisne para beijar a bochecha de Gertie.

— O que faremos, Arthur? — pergunta ela, com a boca no casaco dele.

— É terrível — responde ele. — É horrível.

Gotículas de chuva se depositam nos ombros de Arthur e nas lentes de seus óculos de tartaruga, mas seus olhos estão focados.

— Agradeço a Deus por você. E por Simon — diz Gertie.



NA ÚLTIMA NOITE DE SHIVÁ, enquanto Gertie dorme, os irmãos vão para o sótão. Estão esgotados, exauridos, com olhos turvos, inchados, e o estômago embrulhado. O choque não passou: Simon não consegue imaginar que em algum momento vá passar. Daniel e Varya se sentam num sofá de veludo laranja, com o forro saindo dos braços. Klara toma a poltrona de retalhos que outrora pertenceu à agora morta Sra. Blumenstein. Ela serve bourbon em quatro xícaras de chá lascadas. Simon se curva de pernas cruzadas no chão, misturando o líquido âmbar com o dedo.

— Então, qual é o plano? — pergunta ele, olhando para Daniel e Varya. — Vão embora amanhã?

Daniel assente. Ele e Varya vão pegar os primeiros trens de volta para a faculdade. Já disseram adeus para Gertie e prometeram voltar em um mês, quando suas provas tiverem terminado.

— Não posso mais tirar folga se não quiser ser reprovado — diz Daniel. — Alguns de nós — ele cutuca Klara com o pé — se preocupam com esse tipo de coisa.

O último ano de colégio de Klara termina em duas semanas, mas ela já contou à família que não vai para a formatura. (“Todos esses pinguins se arrastando em uníssono? Eu não.”) Varya está estudando biologia e Daniel quer ser médico militar, mas Klara não quer ir para a faculdade. Ela quer fazer mágica. Passou os últimos nove anos sob tutela de Ilya Hlavacek, um vaudeviliano idoso que faz truques de mão e também é seu patrão na Ilya Mágica & Cia. Klara ficou sabendo da loja aos nove anos, quando comprou *O Livro da Adivinhação* de Ilya; agora, ele é tão seu pai quanto Saul foi. Um imigrante checo que chegou à maioridade entre as duas Guerras Mundiais, Ilya — aos setenta e nove anos, curvado e

artrítico, com um tufo de cabelo branco — conta histórias fantásticas de seus anos de palco: um que passou viajando pelas casas de shows mambembes mais sujas do meio-oeste, sua mesa de cartas a poucos metros de fileiras de cabeças humanas encolhidas; a tenda do circo da Pensilvânia na qual ele fez desaparecer um burro siciliano marrom chamado Antonio enquanto mil expectadores irrompiam em aplausos.

Mais de um século se passou desde que os irmãos Davenport invocavam espíritos nos salões dos abastados e John Nevil Maskelyne fez uma mulher levitar no Egyptian Theatre de Londres. Hoje, o mais sortudo dos mágicos da América consegue fazer efeitos especiais teatrais ou shows elaborados em Las Vegas. Quase todos eles são homens. Quando Klara visitou Marinka's, a loja de mágica mais antiga do país, o jovem no caixa levantou o olhar com desdém antes de direcioná-la a uma prateleira marcada com *Bruxaria*. (“Canalha”, murmurou Klara, apesar de comprar *Demonologia: Invocações de Sangue* só para vê-lo se contorcer.)

Além disso, Klara é menos atraída por mágicos de palco — as luzes brilhantes e roupas de noite, as levitações presas a cabos — do que àqueles que se apresentam em locais mais modestos, onde a mágica é passada de pessoa a pessoa como uma nota amarrotada de dinheiro. Aos domingos, ela observa o mágico de rua Jeff Sheridan em seu posto costumeiro ao lado da estátua de Sir Walter Scott no Central Park. Mas ela poderia mesmo ganhar a vida dessa forma? Nova York está mudando. No bairro dela, os hippies foram substituídos por garotos barra-pesada, as drogas por drogas mais pesadas. Gangues de porto-riquenhos tomam conta da Avenida A e da Décima Segunda. Uma vez, Klara foi assaltada por homens que provavelmente fariam pior se Daniel não estivesse passando ali naquele exato momento, por pura sorte.

Varya bate as cinzas do cigarro numa xícara vazia de chá.

— Ainda não acredito que você está indo embora. Com a mãe assim.

— Esse sempre foi o plano, Varya. Eu sempre ia embora.

— Bem, às vezes os planos mudam. Às vezes têm de mudar.

Klara levanta uma sobrancelha.

— Então por que você não muda os seus?

— Não posso. Tenho provas.

As mãos de Varya estão duras, suas costas, retas. Ela sempre foi inflexível, santimonial, alguém que caminha entre as linhas como se estivesse numa corda bamba. Em seu décimo quarto aniversário, ela soprou todas as velas menos três, e Simon, com apenas oito, ficou na ponta dos pés para soprar o resto. Varya gritou com ele e chorou tão intensamente que até Saul e Gertie ficaram confusos. Ela não tem nada da beleza de Klara, nenhum interesse em roupas ou maquiagem. Sua única indulgência é seu cabelo. Chega à cintura e nunca foi tingido ou descolorido, não por causa da cor natural de Varya — o marrom claro, empoeirado, da terra no verão —, que não é nada excepcional; ela simplesmente prefere que seja como sempre foi. Klara tingue o cabelo, num vívido vermelho de farmácia. Sempre que tingue suas raízes, a pia parece ensanguentada por dias.

— Provas — repete Klara, acenando com a mão, como se provas fossem um hobby que Varya já deveria ter superado.

— E para onde você planeja ir? — pergunta Daniel.

— Ainda não decidi. — Klara fala friamente, mas sua expressão fica tensa.

— Meu Deus. — Varya joga a cabeça para trás. — Você nem tem planos?

— Estou esperando que se revelem para mim — diz Klara.

Simon olha para sua irmã. Ele sabe que ela morre de medo do futuro. Ele também sabe que ela disfarça bem.

— E quando for revelado a você esse lugar para onde você está indo — diz Daniel —, como vai chegar lá? Está esperando que o universo também te revele isso? Você não tem dinheiro para um carro. Não tem dinheiro para uma passagem de avião.

— Tem uma coisa nova aí chamada carona, Danny. — Klara é a única que chama Daniel por seu apelido de infância, sabendo que traz lembranças de xixi na cama, de uma época dentuça e, principalmente, uma viagem familiar para Lavallete, Nova Jersey, durante a qual ele não pôde evitar cagar nas calças, destruindo o primeiro dia de férias dos Gold e o banco traseiro do Chevrolet alugado. — Todo o pessoal bacana faz isso.

— Klara, por favor. — A cabeça de Varya se vira para a frente. — Me promete que você não vai cruzar o país pedindo carona? Você vai acabar morta.

— Não vou ser *morta*. — Klara traga e solta fumaça para a esquerda, para longe de Varya. — Mas se significar grande coisa para você, eu pego um ônibus.

— Vai levar dias — diz Daniel.

— É mais barato do que trem. Além do mais, acha mesmo que a mãe precisa de mim? Ela fica mais feliz quando não estou por perto. — A revelação de que Klara não iria para a faculdade foi seguida por longas discussões de gritos entre ela e Gertie, que deram lugar a um silêncio amargo. — De todo modo, ela não vai estar sozinha. Sy vai estar aqui. — Ela alcança Simon e aperta o joelho dele.

— Isso não te incomoda, Simon? — pergunta Daniel.

Incomoda. Ele já pode ver como será quando todo mundo tiver ido embora, ele e Gertie presos sozinhos dentro de um shivá infinito — “Simon!” —, seu pai em nenhum lugar e em todos os lugares ao mesmo tempo. Noites quando ele vai sair de fininho para correr, precisando estar em qualquer lugar menos em casa. E o negócio — claro, o negócio — que agora por direito é dele. Igualmente ruim é o pensamento de perder Klara, sua aliada, mas, pelo bem dela, ele dá de ombros.

— Nah. Klara deve fazer como ela quer. Só vivemos uma vez, certo?

— Até onde sabemos. — Klara apaga o cigarro. — Vocês pensam nisso de vez em quando?

Daniel ergue uma sobrancelha.

— Sobre o pós-vida?

— Não — diz Klara. — Sobre quanto a sua vida vai durar.

Agora que a caixa foi aberta, o silêncio recai sobre o sótão.

— Não aquela vaca de novo — diz Daniel.

Klara estremece, como se fosse ela quem tivesse sido ofendida. Eles não discutem sobre a mulher na Hester Street há anos. Porém, esta noite, ela está bêbada. Simon vê seus olhos vidrados, a forma como seus S se misturam.

— Vocês são uns covardes — diz ela. — Não podem nem admitir.

— Admitir o quê? — pergunta Daniel.

— O que ela disse a você. — Klara aponta um dedo para ele, a unha pintada com esmalte vermelho descascando. — Vamos, Daniel. Eu te desafio.

— Não.

— Covarde. — Klara sorri torto, fechando os olhos.

— Eu não poderia te falar nem se eu quisesse — diz Daniel. — Foi anos atrás, uma *década* atrás. Acha mesmo que guardei na memória?

— Eu guardei — diz Varya. — 21 de janeiro de 2044. Então, está dito.

Ela dá um gole na bebida, depois outro, e coloca o copo vazio de chá no chão. Klara olha para sua irmã com surpresa. Então pega a garrafa de bourbon pelo gargalo com uma mão e repõe o copo de Varya antes do seu próprio.

— O que dá isso? — pergunta Simon. — Oitenta e oito anos?

Varya assente.

— Parabéns.

Klara fecha os olhos.

— Ela me disse que eu morreria aos trinta e um.

Daniel pigarreja.

— Bom, isso é baboseira.

Klara ergue o copo.

— Estou na torcida.

— Ótimo. — Daniel vira seu próprio copo. — 24 de novembro de 2006. Você me venceu, V.

— Quarenta e oito — diz Klara. — Está preocupado?

— Nem um pouco. Tenho certeza que aquela velha disse a primeira coisa que deu na cabeça. Seria tolice botar alguma fé nisso. — Ele abaixa o copo, que chacoalha na tábua de madeira.

— E quando a você, Sy?

Simon está no sétimo cigarro. Ele traga e solta a fumaça, mantendo olhos na parede.

— Jovem.

— Quão jovem? — pergunta Klara.

— Assunto meu.

— Ai, deixa disso — diz Varya. — É ridículo. Ela só tem poder sobre nós se a gente deixar, e é óbvio que ela era uma fraude. Oitenta e oito? Por favor. Com uma profecia dessas, eu provavelmente vou ser atropelada por um caminhão quando tiver quarenta.

— Então como o resto de nós foi tão ruim? — pergunta Simon.

— Sei lá. Variedade? Ela não pode dizer a mesma coisa para todo mundo. — O rosto de Varya está vermelho. — Me arrependo de ter ido vê-la. A única coisa que ela fez foi colocar essa ideia em nossas mentes.

— É culpa do Daniel — diz Klara. — Ele que nos fez ir.

— Acha que não sei disso? — esbraveja Daniel. — Além do mais, você foi a primeira a concordar.

A fúria toma o peito de Simon. Por um momento, ele se ressentiu de todos eles: Varya, racional e distante, com uma vida à frente; Daniel, que seguiu a medicina anos atrás, forçando Simon a continuar o legado dos Gold; Klara, abandonando-o agora. Ele odeia que eles possam escapar.

— Gente! — diz ele. — Parem com isso! Não encham, tá? O pai morreu. Então podem calar a porra da boca de vocês?

Ele está surpreso pela autoridade em sua voz. Até Daniel parece encolher.

— O Simon manda — diz Daniel.



VARYA E DANIEL descem para dormir em suas camas, mas Klara e Simon sobem até a cobertura. Trazem travesseiros e cobertores e adormecem no concreto sob o brilho de uma lua encoberta pela poluição.

São sacudidos antes de amanhecer. Inicialmente acham que é Gertie, mas então o rosto magro de Varya entra em foco.

— Estamos indo — cochicha. — O táxi está lá embaixo.

Daniel paira atrás dela, seus olhos distantes atrás de óculos. A pele abaixo deles tem um tom piscina azul-prateado, e a semana entalhou parênteses profundos ao redor de sua boca — ou será que eles sempre estiveram lá?

Klara joga um braço em cima da cara.

— Não.

Varya destampa o rosto da irmã, acaricia o cabelo de Klara.

— Diga tchau. — Sua voz é gentil, e Klara se senta. Ela coloca os braços em volta do pescoço de Varya tão firme que pode tocar seus próprios cotovelos.

— Tchau — sussurra.

Depois que Varya e Daniel partem, o céu brilha vermelho, então âmbar. Simon aperta seu rosto no cabelo de Klara. Tem cheiro de fumaça.

— Não vá — ele diz.

— Preciso ir, Sy.

— Que tem lá pra você, afinal?

— Quem pode saber? — Os olhos de Klara estão aguados de cansaço, e suas pupilas parecem brilhar. — O ponto é esse.

Eles ficam de pé e dobram os cobertores.

— Você poderia vir também — acrescenta Klara, olhando para ele.

Simon ri.

— É, certo. Largar os dois últimos anos de escola? A mãe ia me matar.

— Não se fosse longe o suficiente.

— Eu não poderia.

Klara caminha até o corrimão e se apoia nele, ainda usando seu suéter azul acolchoado e bermuda cortada. Ela não olha para ele, mas Simon pode sentir a força de sua atenção, como ela vibra com isso, como se soubesse que apenas fingindo indiferença pode dizer o que propõe em seguida.

— Podíamos ir para São Francisco.

A respiração de Simon se entrecorta.

— Não fale assim.

Ele se abaixa para pegar seus travesseiros, então coloca um debaixo de cada braço. Ele tem um e setenta e sete, como Saul tinha, com pernas ágeis e fortes e um peito magro. Seus lábios carnudos, vermelhos, e cachos loiro-escuros — a contribuição de algum ancestral ariano há muito enterrado — conquistaram a admiração das meninas em sua

turma de calouros, mas essa não é a plateia que ele quer. Vaginas nunca o seduziram; suas dobras como repolho, seu longo corredor escondido. Ele anseia pela longa penetração de um pau, sua insistência determinada e o desafio de um corpo como o dele. Apenas Klara sabe. Depois que seus pais iam dormir, ela e Simon saíam pela janela, com um bastão de proteção na bolsinha de couro falso de Klara, e pegavam a saída de incêndio até a rua. Iam para o Le Jardin para ouvir Bobby Guttadaro tocar, ou pegavam o metrô para o 12 West, um depósito de flores transformado em boate, e foi lá que Simon conheceu o gogo boy que contou a ele sobre São Francisco. Eles se sentaram no jardim da cobertura enquanto o dançarino contava que São Francisco tem um comissário para a parte gay da cidade e um jornal gay, que as pessoas podem trabalhar em qualquer lugar e transar a qualquer hora porque não há lei contra sodomia. “Não dá para imaginar”, disse ele, e de lá para frente Simon não pôde fazer nada além disso.

— Por que não? — pergunta Klara, virando-se agora. — É, a mãe ia ficar brava. Mas eu vejo como seria sua vida aqui, Sy, e não quero isso pra você. Você também não quer. Claro, a mãe quer que eu vá para a faculdade, mas ela já tem isso com Danny e V. Ela tem de entender que eu não sou ela. E você não é o pai. Jesus, você não nasceu para ser alfaiate. Alfaiate! — Ela para, como para deixar a palavra fazer efeito. — Está tudo errado e não é justo. Então me dê um motivo. Me dê uma boa razão por que você não pode começar sua vida.

Assim que Simon se permite visualizar, ele está quase tomado. Manhattan é como um oásis — há boates gays, até saunas —, mas ele tem medo de se reinventar num lugar que sempre foi seu lar. “*Faygelehs*,” murmurou Saul uma vez, olhando atravessado para um trio de homens esguios descarregando um arsenal de instrumentos na unidade que os Singhs não podiam mais pagar. Aquele palavrão iídiche também foi adotado por Gertie, e, apesar de Simon fingir não ouvir, ele sempre sentiu que falavam dele.

Em Nova York ele viveria por eles, mas em São Francisco ele podia viver para si mesmo. E, apesar de não gostar de pensar nisso, apesar de na verdade evitar o assunto patologicamente, ele se permite pensar nisso agora. E se a mulher na Hester Street estivesse certa? O mero

pensamento torna sua vida diferente; faz tudo parecer urgente, reluzente, precioso.

— Jesus, Klara. — Simon se junta a ela no corrimão. — Mas o que tem lá para você?

O sol nasce com um vermelho vivo, sangrento, e Klara aperta os olhos.

— Você pode ir para um lugar — diz ela. — Eu posso ir para qualquer um. — Ela ainda tem o resto de sua gordurinha de criança e seu rosto é redondo. Seus dentes quando sorri são levemente tortos: meio selvagens, meio charmosos. Sua irmã.

— Algum dia vou encontrar alguém que eu ame como você? — pergunta ele.

— Por favor. — Klara ri. — Você vai encontrar alguém que vai amar muito mais.

Seis andares abaixo, um jovem corre pela Clinton Street. Ele usa uma camiseta branca fina e bermuda de náilon azul. Simon observa os músculos de seu peito ondularem sob a camiseta, observa os poderosos membros que são suas pernas fazerem o trabalho. Klara segue seus olhos.

— Vamos sair daqui — diz ela.

2

MAIO CHEGA NUM borrão de sol e cor. Ramos de açafração tomam a grama do Parque Roosevelt. Depois de sua última aula do ensino médio, Klara irrompe pela porta com a moldura do diploma vazia. O diploma será enviado quando a caligrafia for finalizada, mas daí ela já terá partido.

Gertie sabe que Klara está partindo, então sua mala fica no corredor. O que ela não sabe é que Simon — cuja mala está enfiada embaixo da cama — está indo com ela. Ele está deixando a maioria dos seus pertences para trás, trazendo apenas aqueles que são úteis ou preciosos. Duas camisetas aveludadas listradas de colarinho. O saquinho de pano vermelho. A calça de veludo marrom que usava quando um jovem porto-riquenho cruzou olhares com ele no trem e piscou; sua experiência mais romântica até agora. Seu relógio de ouro com pulseira de couro, presente de Saul. E seu New Balance 320: camurça azul, os sapatos de corrida mais leves que ele já usou.

A mala de Klara é maior e inclui algo que Ilya Hlavacek deu a ela no seu último dia de trabalho. Na noite antes de partirem, ela conta a Simon a história do presente.

— Me traga essa caixa aqui — Ilya disse a ela, apontando.

A caixa, feita de madeira e pintada de preto, acompanhou Ilya desde pequenas apresentações a circos, até ele contrair poliomielite em 1931 — “Foi na hora certa”, ele frequentemente brincava, “porque daí os filmes já tinham matado o vaudeville mesmo”. Ele sempre se referia a ela como *aquela caixa*, apesar de Klara saber que era seu bem mais precioso. Ela fazia como ele instruíra, levantando até o balcão para que Ilya não tivesse de levantar da cadeira.

— Agora, quero que fique com isso — disse ele. — Tudo bem? É seu. Quero que use e quero que aproveite. Foi feita para a estrada, minha querida, não para ficar presa aqui dentro com um velho aleijado como eu. Sabe como desmontar? Aqui, eu te mostro.

Klara observou ele ficar de pé com a ajuda da bengala e virar a caixa na mesa como havia feito tantas vezes antes.

— Aqui é onde você coloca suas cartas. Você fica atrás, assim. — Klara experimentou. — Aí está — disse ele, sorrindo seu grande sorriso de leprechaun. — Fica maravilhoso em você.

— Ilya. — Klara ficou envergonhada ao perceber que estava chorando. — Não sei como te agradecer.

— Apenas use. — Ilya acenou com a mão e cambaleou para o quartinho dos fundos com sua bengala, ostensivamente para preencher as prateleiras, apesar de Klara suspeitar de que ele queria se lamentar sozinho. Ela carregou a caixa para casa e a encheu de ferramentas: um trio de lenços de seda; um conjunto de anéis de prata sólida; uma bolsa cheia de moedinhas de vinte e cinco centavos; três copos de metal com o mesmo número de bolas vermelhas do tamanho de morangos; e um maço de cartas tão gasto que o papel é tão flexível quanto tecido.

Simon sabe que Klara tem talento, mas o interesse dela em mágica o desconcerta. Quando ela era criança, era bonitinho; agora é apenas estranho. Ele espera que desapareça quando chegarem em São Francisco, onde o mundo real certamente será mais excitante do que o que quer que esteja na caixa preta dela.

Naquela noite, ele fica acordado por horas. Com o falecimento de Saul, uma velha proibição foi revogada: Arthur pode cuidar dos negócios e Saul não vai ter de saber da verdade sobre Simon. Porém como lidar com sua mãe? Simon se defende. Diz a si mesmo que a vida é assim: o filho deixando os pais para sua vida adulta — os humanos são no mínimo risivelmente lentos. Girinos nascem na boca de seus pais, mas saltam fora assim que perdem a cauda. (Pelo menos, Simon acha que é assim; sua mente sempre viaja nas aulas de biologia). O salmão do pacífico nasce em água doce antes de migrar para os oceanos. Quando é hora de procriar e morrer, eles viajam centenas de quilômetros, voltando para as águas em que nasceram. Como eles, Simon sempre poderá voltar.

Quando finalmente adormece, sonha que é um deles. Flutua por sêmen, um ovo coral brilhante, e aterrissa no ninho de sua mãe no leito de um rio. Então irrompe de sua casca e se esconde em águas escuras, comendo o que aparece em seu caminho. Suas escamas escurecem. Ele viaja por milhas e milhas. Inicialmente, está cercado de massas de outros peixes, tão próximos que se esbarram e escorregam uns nos outros, mas conforme ele nada para longe, o cardume diminui. Quando percebe que começou a voltar para casa, ele não consegue se lembrar do caminho para o antigo córrego esquecido em que nasceu. Foi longe demais para voltar atrás.



ELES ACORDAM de manhã bem cedo. Klara vai até Gertie para dizer adeus, então a manda dormir de volta. Desce as escadas na ponta dos pés com ambas as malas enquanto Simon amarra os sapatos. Ele entra no corredor, evitando a tábua que sempre range, e cuidadosamente segue para a porta.

— Vai a algum lugar?

Ele se vira, seu pulso acelerando. Sua mãe está na porta do quarto. Está enrolada no grande roupão de banho rosa que usa desde o nascimento de Varya, e seu cabelo — geralmente preso em bobs nesse horário do dia — está solto.

— Eu só ia... — Simon se remexe de um pé para o outro. — Pegar um sanduíche.

— São seis da manhã. Hora estranha para um sanduíche.

As bochechas de Gertie estão coradas, seus olhos esbugalhados. Um vislumbre de luz ilumina suas pupilas: pequenos nós de medo, brilhando como pérolas negras.

Lágrimas inesperadas escorrem dos olhos de Simon. Os pés de Gertie — placas rosadas, gordos como costelas de porco — estão alinhados com seus ombros, seu corpo é rígido como o de um boxeador. Quando Simon era pequeno e seus irmãos estavam na escola, ele e Gertie

*image
not
available*

*image
not
available*

*image
not
available*

*image
not
available*

*image
not
available*

*image
not
available*

*image
not
available*

*image
not
available*

*image
not
available*

*image
not
available*

*image
not
available*

*image
not
available*

*image
not
available*